

Um moçambicano em Portugal

2/10/94 Domingo



Haverá alguém que não o conheça? É possível que sim... sobretudo as gerações muito mais novas, de pouco depois da independência. Mas vai daí, para quem o não conheça: trata-se de um grande nome na nossa música ligeira. Basta lembrar o conhecidíssimo número intitulado "Matilde". Em perfil, na nossa rubrica dedicada a personalidades, trazemos uma pequena troca de impressões com o Ben, que recentemente esteve entre nós de férias.

Pedro Ben está radicado em Portugal desde os primórdios da década oitenta. Durante cerca de um mês esteve entre nós, para, segundo suas palavras, rever amigos, rever o ambiente, a família, acima de tudo.

Como diz, não está muito surpreendido com o que se passa no país, porque afinal tem acompanhado através da imprensa e através de conhecidos, muitas vezes amigos, que não raras vezes são amigos.

Como não podia deixar de ser, a conversa veio desaguar na música, não fosse ele músico. E aliás, o tema veio a dominar todo o nosso encontro.

O músico moçambicano

radicado em terras portuguesas mostra-se particularmente triste com as produções musicais nossas dos últimos tempos. De acordo com Ben, apesar de a música moçambicana ter um bom conteúdo, um conteúdo que relata o quotidiano, ela carece de arranjos apropriados, o que a torna de "má qualidade".

Na definição do nosso interlocutor, toda a música, para ser de boa qualidade, para ter aceitação junto do público-auditor, não só nacional, como também estrangeiro; precisa de ter ritmo. "Precisa de soar bem aos ouvidos de quem a ouve", explicita.

Continua: "Recordo-me de que há tempos assisti a um grupo moçambicano a actuar. Tocava com instrumentos fora de uso, com um som horrível..."

Mas Ben não se assume como um crítico pessimista de todo.

"Entendo perfeitamente o drama que os músicos cá da terra vivem, as condições em que trabalham, das mais difíceis do mundo..." — frisa ele, mas contrapõe: "Embora assim, acho que se pode produzir qualidade; o que falta aos nossos cantores é aquilo que eu posso chamar de investigação dos ritmos locais

e não só, podem ser tradicionais, actuais, etc... Os nossos músicos, salvo raras e louváveis excepções, não investigam, estão na sombra."

Além disso, são palavras do nosso entrevistado que parafraseamos, face às grandes dificuldades por que passam os nossos músicos em todas as esferas de trabalho é necessário que se encontrem meios para ultrapassar estas barreiras.

Um dos meios para se ultrapassar a barreira, as dificuldades, no entender de Pedro Ben, é a exportação de cérebros. "Uma das formas de se ultrapassarem as dificuldades passa pela exportação de talentos moçambicanos ou jovens promessas para Portugal ou mesmo para a África do Sul. Nestes países, e falando particularmente de Portugal que conheço melhor, esses músicos poderiam gozar de outras oportunidades muito melhores, desde estúdios de gravação que são moderníssimos, até a intercâmbios com artistas dessas terras ou de outros países" — eis a proposta.

Depois da proposta, Ben revela: "A música moçambicana está a conhecer um desenvolvimento assinalável em Portugal, é

muito tocada nas discotecas e na rádio..."

Depois desta chega ao trabalho que se faz no país, pedimos que se pronunciasse sobre o seu mais recente trabalho, denominado "Maning Nice", cujo lançamento estava previsto para Setembro passado.

Pedro Ben começa por dar explicações sobre o nome: "O nome vem a propósito de ter ouvido a palavra muitas vezes e ter gostado dela: assim achei que servisse para título de um álbum".

Sobre o conteúdo, o nosso entrevistado é algo lacónico: "Versa temas sociais, aliás quase todas as minhas músicas abordam a temática social."

O grande desejo do nosso Ben, com o seu lançamento, é um só: que o álbum chegue aos seus fãs aqui em Moçambique o mais cedo possível, dado que, ao contrário das outras vezes, desta vez tem contactos com um agente que poderá colocá-lo cá em Moçambique em menos tempo.

O tema que fechou a nossa conversa é aquele que certamente preocupou os seus fãs: o facto de em 10 anos ter apenas gravado dois trabalhos. A justificação é peremptória: "Só vou aos estúdios quando sinto que estou em altura de gravar, não faço música por encomenda."